



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 23

Os Fracassos do Povo do Messiasⁱ

Texto-base: Mt 17.14 – 18.34

Vimos na lição anterior que, enquanto a manifestação mais clara da glória de Jesus havia ocorrido em um contexto de incompreensão e incerteza (17:4,10), os fracassos realmente graves dos discípulos ainda estavam por vir. Vejamos.

O primeiro e o segundo fracassos

Os discípulos que fracassaram nos versículos 14-23 do capítulo 17 de Mateus foram (presumivelmente) os nove que ficaram para trás quando Jesus levou os três mais chegados para o monte quando Ele foi transfigurado. O fracasso deles em exorcizar o demônio do garoto epilético foi num certo sentido um tanto surpreendente, pois Jesus havia anteriormente concedido a eles autoridade para curar e exorcizar demônios (10:1,8).

Não obstante, talvez o fracasso deles não tenha sido tão estranho assim, afinal de contas, se focalizarmos dois fatos, ambos com considerável relevância para a Igreja moderna.

O primeiro é que Mateus testemunhou um padrão recorrente de sucesso e fracasso entre os discípulos (veja 14:16-21,26,27,28-31; 15:16,23,33; 16:5,22; 17:4,10,11). Eles avançam - e então eles caem. Pedro confessou Jesus como o Messias, e então Lhe disse que Seus pontos de vista quanto ao messianismo e ao sofrimento estavam errados (16:13-23). Se o fracasso dos discípulos nesse caso repousa na área da fé (17:20), isso não é nada novo. Em situações anteriores a fé dos discípulos já havia sido provada defeituosa (14:26,27,31; 16:5,8).

Tais fracassos surgem em parte da posição peculiar dos discípulos na história da redenção; mas até certo ponto eles também refletem crescimento e desenvolvimento. Grandes árvores não surgem da noite para o dia. Se você quiser um jardim cheio de “dentes-de-leão”, poucos dias bastarão; se quiser um bosque cheio de cedros, precisará de décadas de sol, chuvas e ventos. Paulo iria mais tarde prevenir contra designar um recém-convertido para posições de liderança (veja 1 Timóteo 3:6). Os doze aprenderam por experiências pessoais que a maturidade pessoal não surge como um cogumelo, da noite para o dia.

Entretanto, existe um segundo fato que nos conduz ao âmago do fracasso deles. Um perigo perene que aguarda aqueles a quem é dada alguma graça, poder ou autoridade é a tentação de popularizar o seu dom. Já vimos como alguns dos líderes judaicos queriam ver sinais e maravilhas popularizados. Isso é, eles queriam que o poder de Deus manifesto na chegada do Reino fosse controlável, pacífico, submisso aos líderes humanos.

Agora os discípulos haviam caído no mesmo alçapão. Eles haviam recebido certa autoridade espiritual (10:1-42), e haviam em seguida expulsado demônios e curado muitas pessoas. Quando eles abordaram este caso em particular, portanto, eles esperaram sem dúvida resultados imediatos e positivos. Na verdade, se a fé não é nada mais do que esperar receber o que você pediu, então sem dúvida os discípulos abordaram este epilético com forte fé. Contudo, a triste verdade é que o Senhor Jesus criticou a fé deles, ou a falta dela (17:20). Por quê?

Certamente não é simplesmente uma questão de tamanho de fé. Jesus insistiu que mesmo se eles tivessem a menor partícula de fé - fé do tamanho de uma semente de mostarda (proverbal por sua pequenez) - eles teriam o suficiente para mover montanhas. A palavra para “fé pequena” provavelmente sugere aqui “pobreza de fé” ou algo parecido. Noutras palavras, pequena fé, como um grão de semente de mostarda, pode não obstante mover montanhas; mas fé pobre, como a dos discípulos no seu exorcismo fracassado, não é boa para nada. Apenas uma pequena quantidade de fé genuína é necessária; a chamada “fé” falida que eles estavam exercendo era inútil.

Eles se aproximaram do epilético com um tipo de fé que trata a autoridade confiada a eles como uma mágica: tudo o que você precisa fazer é dizer as palavras certas, apertar os botões certos, e lá surge um milagre. Contudo, a fé verdadeira é menos mágica do que confiança, menos rito do que relacionamento. Ela não busca tanto exercitar poder como conhecer, obedecer, amar, e servir a Deus. Dentro de tal relacionamento, a autoridade sobrenatural não é algo excepcional; fora dele, tal autoridade se degenera rapidamente na categoria de uma bela mágica.

Talvez seja por isso que a versão de Marcos desta história registre a repreensão de Jesus em outros termos: “esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum” (Marcos 9:29). Isto não quer dizer que um certo tipo de oração era necessário, um encantamento peculiar; pelo contrário, isto sugere que para as tarefas espirituais mais difíceis, mesmo a autoridade já delegada aos discípulos deve ser exercitada em um ambiente de oração. Tal oração é o resultado da fé verdadeira; de modo inverso, tal oração nutre a fé verdadeira. E mesmo uma pequena quantidade de tal fé teria sido o suficiente nesse caso.

Poucas lições são mais necessárias na Igreja atual. Não existem atalhos para a vida e a autoridade espiritual. O objetivo da maturidade espiritual não é a aquisição da autoridade crua, mas de relacionamento de fé pessoal com o Deus vivo; e seja qual for a autoridade que Ele delega para nós, ela deve emergir daquele andar de fé.

O segundo fracasso dos discípulos relatado por esses versículos é mais sutil. Eles estavam cheios de tristeza devido o pronunciamento repetido de Jesus sobre Sua morte e ressurreição que estariam por acontecer (17:22,23). Tristeza devido à perspectiva da morte de Jesus pode ser louvável; porém aqui ela é certamente mais uma evidência de falta de compreensão. Afinal de contas, Jesus havia falado não somente da Sua morte, mas também da Sua ressurreição. Eles ouviram apenas a primeira parte. E mesmo assim a compreensão deles era deficiente: ou o Messias era triunfante e vitorioso, um ganhador imediato, ou Ele estava condenado a ser derrotado e morrer. Esta última possibilidade encheu eles de tristeza; pois nesse ponto eles não podiam conceber de um Messias que triunfa em sofrimento, que é vitorioso por meio da morte.

Quantos de nossos desapontamentos e questionamentos de Deus surgem do nosso pensamento não bíblico – devido a nossa má vontade ou inabilidade de avaliar todas as coisas dentro de uma estrutura verdadeiramente bíblica e espiritual?

O terceiro fracasso

Esse foi exclusivamente de Pedro. Pensando em defender seu Mestre contra a acusação insinuada de que Ele falhou em pagar o imposto do templo cobrado de todos os judeus homens, Pedro se pôs em defesa de Jesus - e mostrou seu fracasso continuado de ver profundamente quem Jesus realmente era (17:23,25).

Jesus contou uma parábola para endireitar Pedro (17:25,26). Em toda monarquia absoluta, impostos são cobrados do povo e pagos para o caixa do rei; mas a própria família real não paga impostos. Como Jesus disse, os filhos são isentos (17:26). Isso poderia ter somente significado que Jesus era o Filho do Deus do templo de alguma forma especial. Como o Filho real de Deus, Ele não precisava pagar o imposto do templo. A resposta rápida de Pedro em defesa de Jesus, expressa de tal forma que os críticos não depreciassem o Mestre, acabou sendo ela mesma uma involuntária depreciação dEle, um fracasso de compreender a condição única de Jesus como Filho.

Mas tendo insistido no fato de que Ele não tinha nenhuma obrigação para pagar o imposto do templo, Jesus fornece milagrosamente os meios para pagá-lo (17:27). Não apenas isso, Ele paga as obrigações do imposto de Pedro também. É como se Jesus junta Pedro à Sua própria isenção, e depois na Sua própria voluntariedade de pagar - “para que (nós) não os escandalizemos”. Assim como somente Jesus é Senhor do sábado (e por meio desta condição protege Seus seguidores da acusação de

quebrar o sábado, cf. 12:1-8), assim também Jesus como o Filho unigênito é isento de pagar o imposto do templo, e devido Sua condição cobre o imposto de Pedro também.

Com certeza a proximidade das duas predições da cruz e da ressurreição (16:21-23; 17:22,23) faz lembrar o leitor cristão que não demoraria muito antes que o templo e suas alegações se tornassem obsoletas. O ponto de encontro crucial entre Deus e o povo do Seu pacto seria o próprio Senhor Jesus, “um só Mediador entre Deus e os homens” (1 Timóteo 2:5). O templo podia continuar a existir por mais algumas décadas; mas não poderia fazer legitimamente as mesmas reivindicações que fez antes. E então ele seria destruído, demolido pelas tropas romanas em 70 D.C.. Pedro não podia ter compreendido nada disso quando Jesus lhe apresentou Sua breve parábola; mas a linguagem fecunda e cheia de conteúdo simbólico de Jesus estava destinada a ser elucidada mais tarde, após a ressurreição, e garimpada por sua riqueza teológica provocante.

O quarto e o quinto fracassos

Essas duas perguntas (Mateus 18:1,21) traem as mentes que ainda estão a quilômetros da maturidade cristã. É difícil crer que a primeira pergunta - “Quem é o maior no reino dos céus?” (18:1) - foi instigada somente pela curiosidade teológica! Na verdade, dois capítulos mais tarde encontramos dois dos discípulos ainda competindo por posição (20:20-23) e os outros dez estavam “indignados” (20:24), nem tanto porque pensavam que a competição não tinha cabimento, e sim, porque estavam com medo de que os dois pudessem levar a melhor sobre eles no jogo. O relato de Marcos (Marcos 9:33-37) descreve que os discípulos estavam na verdade discutindo sobre a questão da sua grandeza relativa, e caíram envergonhados em silêncio quando Jesus os confrontou.

O que é patético acerca desse fracasso é que ele contrariava o ensino anterior de Jesus e dos Seus pronunciamentos mais recentes. Antes, Jesus havia insistido que a entrada no Reino começa com um reconhecimento do pauperismo espiritual (Mateus 5:3) e que Seu Pai esconde as verdades espirituais dos sábios e entendidos enquanto as revela aos pequeninos (11:25). Ainda assim, aqui estavam os discípulos buscando com ardor a grandeza! Pior ainda, Jesus havia mais recentemente falado duas vezes sobre Sua morte que estava por acontecer (16:21-23; 17:22,23); mas apesar de sua tristeza inicial os discípulos se esqueceram rapidamente do sofrimento do seu Mestre e voltaram para a sua própria autopromoção. Quem pode negar que os crentes modernos, também, às vezes esquecem sua missão, sem mencionar seu Salvador e Seus sofrimentos, e disputam como piratas o prêmio de posição, de honra, de poder, e de prestígio?

O quinto fracasso, como o terceiro, é exclusivamente de Pedro; porém ele mais uma vez refletiu os pontos de vista que eram predominantes entre os discípulos

de Jesus. O ponto de vista mais predominante entre os rabinos com relação aos pecados repetidos era que um irmão deve ser perdoado três vezes. Na quarta vez não é preciso que haja perdão. Por isso ao sugerir sete vezes (18:21), Pedro se achou tão generoso e de coração grande. Talvez ele tenha sentido que estava realmente começando a amadurecer e apreciar os modos perdoadores de Jesus.

Mas a resposta de Jesus (18:22) mostrou o quanto Pedro estava longe do entendimento maduro. Não sete vezes, Jesus respondeu: Pedro deveria estar disposto a perdoar seu irmão até “setenta vezes sete”. O ponto de Jesus seria sido perdido se algum pedante moderno lesse este versículo e saísse resmungando: “Bem, pelo menos eu posso parar na septuagésima oitava vez! Eu não vejo a hora de chegar lá”. Setenta vezes sete é simplesmente um número muito maior do que o número sete sugerido por Pedro. Contudo, o ponto deste número grande fica claro com a parábola que segue (como veremos num momento). Todos os discípulos de Jesus haviam sido perdoados bastante, muito mais dos que eles mesmos perdoariam, por isso o seu perdão de outros teria que ser grandemente generoso (18:23-35).

A meditação em cima deste quinto fracasso irá longe para evitar a amargura e a contenda entre os crentes.

Padrões que superam o fracasso

Os fracassos do povo do Messias ocorrem continuamente nestes capítulos. Pelo “povo do Messias” não se quer dizer aqui o povo judaico, mas Seus próprios discípulos, de quem nós os crentes somos herdeiros. Além do mais, os fracassos deles se sobressaem mais contra o contexto da transfiguração de Jesus e Sua dignidade solene diante da perspectiva da Sua própria morte.

Mas, se os fracassos foram patéticos, eles também tiveram certas características em comum. Todos os cinco refletem uma visão muito alta do eu, e das opiniões e prerrogativas do eu, uma concepção muito estreita e legalista da fé, do perdão, e dos relacionamentos com Deus e com a humanidade. Se os discípulos ainda precisavam aprender mais sobre a natureza da missão de Jesus, eles também precisavam se beneficiar mais de aprender novos padrões de comportamento. Se precisavam passar pelo Calvário e pelo Pentecoste a fim de emergirem do outro lado como pessoas que eram verdadeiramente comprometidas e transformadas pelo novo pacto que a morte de Jesus iria inaugurar, também precisavam que fosse esclarecido para eles o que exatamente isso significaria para a própria conduta deles. E é esse tipo de coisa que Jesus quis comunicar no quarto discurso relatado por Mateus (18:1-35).

Jesus começou exigindo que aqueles que entrassem no reino dos céus deveriam se converter e se fazer como criança (18:3). A criança é um modelo, nesse contexto, não de inocência, fé, ou pureza, mas de humildade e despreocupação pela posição social. Jesus presumiu que as pessoas não são naturalmente assim; elas

precisam mudar para se tornarem como pequenas crianças. O resultado é uma auto-humilhação (18:4), não um comportamento infantil (veja também 10:16). É para “os pequeninos” que Deus revela a Sua verdade (veja 11:25).

O versículo 5 deveria ser lido junto com o versículo 6; e se o fluxo do pensamento for observado com cuidado, a preocupação desses dois versículos não é literalmente “os pequeninos” mas “estes pequeninos que creem em mim” - crentes genuínos, aqueles que têm se humilhado e se tornado como crianças. Os versículos 5 e 6, portanto, prometem bênção sobre aquele que recebe um crente verdadeiro, e uma maldição sobre aquele que intenciona fazer que tal pessoa tropece na sua fé (compare com 10:40-42). De fato, mesmo os próprios discípulos precisam lidar radicalmente com o pecado (19:8,9; veja também 5:29,30), cientes do terrível “fogo do inferno” que espera aqueles que brincam com isso.

De maneira semelhante, em 18:10-14 a expressão um “desses pequeninos” deve ser entendida como referindo-se aos crentes, os verdadeiros discípulos de Jesus que têm se humilhado honestamente. Nenhum deles deve ser desprezado; pois por um lado, “os seus anjos nos céus sempre veem a face de meu Pai, que está nos céus”. (Seja o que for que esta frase signifique, ela implica que os pequeninos não deveriam ser desprezados porque sua dignidade é aos olhos de Deus muito grande). Por outro lado, o Pastor, o próprio Pai (18:14), preocupa-se com cada ovelha do Seu rebanho, tanto que Ele vai atrás de uma que se desgarrar. Afinal de contas, não é Sua vontade que sequer um desses pequeninos, esses crentes humildes, verdadeiros crentes, pereça. Se essa é a Sua atitude, seria uma abominação para qualquer outra pessoa tentar fazer com que esses pequeninos tropeçassem.

Mas suponha que um dos pequeninos peque contra outro pequenino – contra você! O que você faria? Uma das coisas surpreendentes acerca do ensino de Jesus nesta questão é que apesar de toda a Sua ênfase no perdão e na humildade, Ele não espera que o pecado seja varrido para baixo do tapete. Seja num nível ou noutro, deve-se lidar com ele. E o nível deveria subir quietamente.

Comece com uma conversa pessoal com o ofensor (18:15). Se isso se mostrar ineficaz, proceda nos passos até que a questão seja trazida diante da igreja, a comunidade dos pequeninos, que pode em último caso decidir tratá-lo ou tratá-la como um estranho (18:17). Esta é uma forma específica da disciplina já introduzida (18:18; veja também 16:19). Contudo em nenhum caso o ofensor deveria ser deixado impune enquanto você, a parte ofendida, ferve em amargura suprimida. O ofensor deve ser encorajado, em particular e se necessário em público, a abster-se da ofensa; e a parte ofendida não deve esquivar-se da sua responsabilidade nem afastar-se com o orgulho ferido, e sim, encarar o ofensor.

É neste contexto que Pedro fez sua pergunta infeliz sobre o número de vezes que ele deveria perdoar um irmão ofensor (18:21,22). A sua breve resposta, Jesus acrescentou um parábola surpreendente (18:23-35). O ponto era que o servo rancoroso tinha ele próprio sido perdoado em grande quantidade. Se os dez mil talentos fossem ouro, eles deveriam valer mais de um bilhão de dólares na moeda corrente de hoje. Contra esta soma surpreendente estão os 100 denários - cerca do salário do trabalho de 100 dias de um trabalhador comum, talvez cinco mil dólares. O propósito da parábola não é de sugerir que podemos receber o perdão do rei ao perdoarmos os outros, mas para mostrar que todo perdão que somos chamados a oferecer é uma mera partícula quando comparada com a enorme quantidade pelo qual nós mesmos precisamos do perdão do rei. Em resumo, a história responde poderosamente à pergunta de Pedro.

Se esses padrões de comportamento forem adotados por aqueles de nós que alegamos ser discípulos de Jesus, manifestaremos menos dos fracassos que se destacam tão patética e notoriamente nestes capítulos.

ⁱ Esta lição corresponde à parte do capítulo 8 do livro **Deus conosco** (D. A. Carson , Editora PES).